# GUERRA NA UCRÂNIA: E A SEGURANÇA EUROPEIA?

*Por Gabriel Camilli**

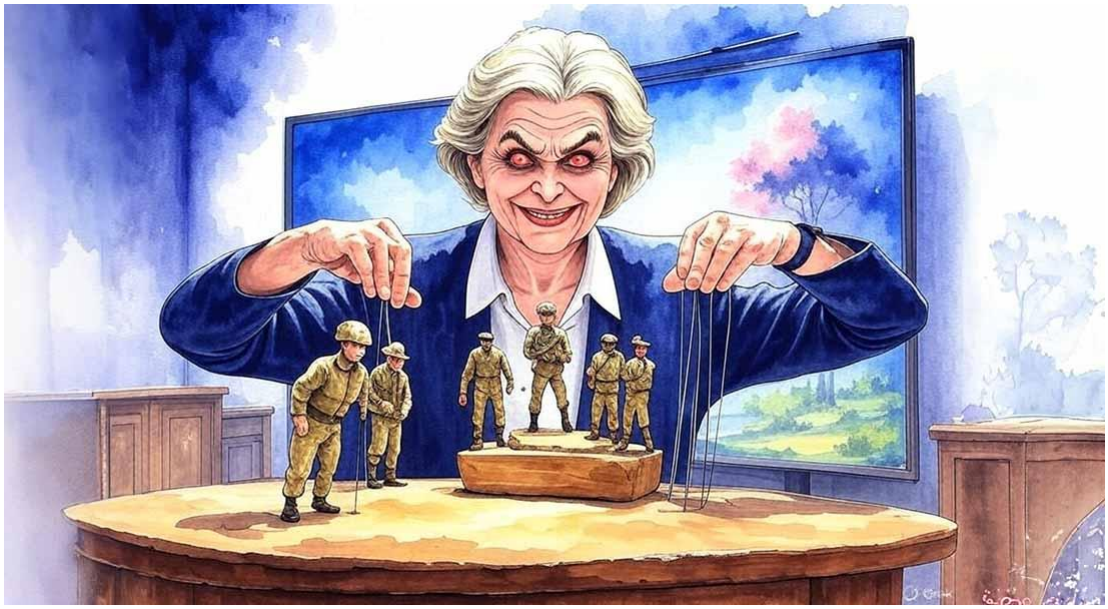

*Imagem gerada por inteligência artificial.*

*A elite europeia quer liderar uma competição de força militar sem uma população coesa e motivada, sem as matérias-primas necessárias, sem um aparato de produção eficiente e sem armas nucleares; somente os tolos podem considerar isso uma boa estratégia.*

Depois da derrota em Kursk, os ucranianos tentaram algumas escaramuças em direção à área de Belgorod. Ao mesmo tempo, eles devem impedir que os russos avancem pela fronteira em direção ao território ucraniano. No entanto, as condições são ideais para a Rússia explorar o avanço. Acreditamos que as partes em conflito estão longe de um cessar-fogo.

Resumo da situação geral:

• As Forças Armadas da Federação Russa (FAFR) têm vantagem em todas as três frentes;

• A estratégia FAFR visa tomar uma zona-tampão no território ucraniano no norte e maximizar os ganhos territoriais nas outras duas frentes, aproximando-se das fronteiras das províncias ocupadas;

• As FAFR continuam a atacar maciçamente o território da Ucrânia, visando principalmente a infraestrutura de comando, comunicações e logística em Poltava, Dnipropetrovsk e Kharkov.

## NO NÍVEL POLÍTICO

Estas foram as notícias do campo de batalha. Vejamos agora o que está acontecendo no nível político entre os aliados europeus da Ucrânia. A segurança europeia é exaltada?

O perigo para a segurança europeia não vem de fora. De acordo com alguns analistas sérios, "*nós a temos dentro de nossas próprias fronteiras, e ela é representada por essa autoproclamada elite europeia*".

Pessoas exaltadas, completamente desconectadas da realidade, que, depois de terem condenado e culpado todas as formas de apego às suas raízes e identidade em nome do globalismo, agora de repente se tornam tão orgulhosas e patriotas que estão prontas para qualquer coisa, até mesmo uma guerra total, para se destacarem em relação ao suposto inimigo.

Depois de demonizar todo sentimento de pertencimento durante anos (lembro-me de todos aqueles políticos: verdes, pacifistas), qualificando todas as demandas por soberania popular de nacionalismos fanáticos anacrônicos, hoje descobrimos que eles são mais fanáticos do que todos os chamados "nacionalistas" juntos, porque querem criar um tubo de ensaio ainda maior e um nacionalismo estranho, falso e megalomaníaco: o europeu.

E em seu nome se envolver em conflito perpétuo com o resto do mundo.

Eles não se escondem mais, e analistas sérios continuam argumentando: "*Eles nos dizem que devemos ser mais fortes, maiores, mais poderosos e bem armados. Eles são os primeiros a serem cegados por esse fanatismo extremista que até ontem pairava como um fantasma, nos dizendo que essa forma de pensar levava diretamente à guerra, quando a guerra ainda era considerada uma coisa ruim.*"

Dessa forma, eles gostariam de liderar um continente inteiro para "*competir*" em termos de força militar e dissuasão sem ter uma população motivada, coesa e homogênea por trás deles; sem ter as matérias-primas necessárias para satisfazer seu desejo bélico; sem ter um aparato de produção comprovado e eficiente; sem ter armas nucleares.

Somente os tolos totalmente turvados pela fumaça do fanatismo supremacista poderiam considerar isso uma boa estratégia.

## DUPLO PADRÃO

Essa liderança europeia, como costumamos salientamos nesta coluna, usa dois pesos e duas medidas. Vejamos um exemplo. Esta notícia mostra isso. Lemos recentemente: "*A Finlândia anuncia sua intenção de se retirar da Convenção de Ottawa sobre a Proibição de Minas Antipessoal e aumenta os gastos com defesa.*" Minas antipessoais. Elas eram ruins e agora não são mais? Eis o duplo padrão.

A Finlândia iniciará oficialmente o processo de retirada da Convenção de Ottawa, que proíbe o uso de minas antipessoal. O anúncio foi feito pelo primeiro-ministro

Petteri Orpo durante uma coletiva de imprensa sobre política externa e segurança. A decisão é baseada em recomendações de líderes militares do país. Ao mesmo tempo, ele anunciou que os gastos com defesa vão aumentar para 3% do PIB até 2029. Isso representa aproximadamente € 3 bilhões a mais do que o nível de financiamento atual (fica claro o montante de dinheiro?) O objetivo é aumentar as capacidades de defesa, fortalecer as forças terrestres e reconstruir o arsenal, incluindo minas antipessoal, que, conforme o ministro da Defesa Antti Hakkänen, são econômicas, confiáveis e adequadas ao terreno da Finlândia (como?).

### PRINCIPAIS MEDIDAS

• Início da retirada da Convenção de Ottawa (o documento será elaborado pelo Ministério das Relações Exteriores). Após aprovação parlamentar e assinatura do presidente, será iniciado um procedimento internacional com duração de seis meses;

• A reforma das forças terrestres é um projeto de grande escala, com duração de 10 anos, com investimentos entre 10 e 15 bilhões de euros;

• Eles planejam estabelecer a produção de minas no país, para garantir o fornecimento;

• As minas não serão colocadas antecipadamente, mas serão utilizadas somente em caso de guerra. Ao mesmo tempo, mapas digitais de campos minados serão usados para desminagem (Eles são muito bons!!!);

• O financiamento para a polícia, guarda de fronteira, forças especiais e segurança cibernética será aumentado separadamente.

## LEMBRETE AOS LEITORES

Por que a Convenção de Ottawa surgiu? A Convenção de Ottawa, também conhecida como Tratado de Proibição de Minas Antipessoal, é um acordo internacional que proíbe o uso, armazenamento, produção e transferência de minas antipessoal. Seu objetivo era acabar com a morte e o sofrimento de civis, especialmente mulheres e crianças em áreas rurais de zonas de conflito, facilitar o retorno seguro de refugiados e deslocados e, acima de tudo, responder ao sofrimento generalizado causado pelas minas (feridos, mutilados, etc.).

## TAMBORES DE GUERRA

Políticos atlantistas e o Alto Comando da OTAN invocam gritos de guerra, por exemplo, as palavras do almirante Rob Bauer, presidente do Comitê Militar: "*Devemos nos dar conta de que viver em paz não é algo garantido. E é por isso que nós (OTAN) estamos nos preparando para um conflito com a Rússia*", e ele diz, "*Toda a sociedade estará envolvida no conflito, quer gostemos ou não... Teremos que nos organizar para termos água, um rádio a bateria e uma lanterna a bateria para nos ajudar nas primeiras 36 horas.*" Recomendamos assistir ao vídeo em que a

comissária europeia Hadja Lahbib recomenda que os europeus preparem seus *kits* de sobrevivência.

O Livro Branco da defesa europeia, publicado recentemente, será seguido pela formulação da estratégia da União, que definirá uma abordagem integrada de múltiplos riscos para a preparação para conflitos e crises, e pela estratégia de segurança interna da UE. As lacunas prioritárias identificadas como preocupações, no entanto, foram defesa aérea e antimísseis, munições (e mísseis), mobilidade militar, IA, domínio cibernético, tecnologia quântica e EW e, finalmente, facilitadores estratégicos e proteção de infraestrutura crítica: incluindo aeronaves de transporte aéreo estratégico e reabastecimento aéreo, inteligência e vigilância, conscientização do domínio marítimo, etc. uso e proteção do espaço e outros ativos de comunicação seguros e infraestrutura de combustível militar.

Estas são as ferramentas de implementação. Agora vem a parte interessante. Colocar dinheiro… e muito.

Para padronizar as aquisições militares usando a OCCAR (Organização para Cooperação Conjunta de Armamento) e cobrir essas lacunas, a Comissão iniciará imediatamente um diálogo com a indústria de defesa para discutir possíveis medidas, identificar obstáculos regulatórios e abordar desafios. Em seguida, apresentará uma proposta dedicada para simplificar o ecossistema de defesa até junho de 2025.

Entre os objetivos desta proposta estão a intenção de remover obstáculos ao acesso ao financiamento, facilitar a troca de informações confidenciais e sigilosas e agilizar os programas industriais de defesa da UE para reduzir os prazos de entrega. Por meio de políticas específicas, a UE deve apoiar a indústria de defesa europeia em seis direções estratégicas: apoiar, fortalecer e promover capacidades industriais em toda a UE; Garantir o fornecimento de fatores de produção críticos para a indústria e reduzir dependências; criar um verdadeiro mercado europeu para equipamentos de defesa; simplificar as regulamentações existentes e reduzir a burocracia; promover a investigação e o desenvolvimento para promover a inovação; reter, atrair e desenvolver talentos, aprimorar habilidades e experiência no setor de defesa.

A UE propõe, portanto, cinco pilares para o aumento dos gastos com defesa: um novo instrumento financeiro específico (o SAFE, *Security Action for Europe*), ativação coordenada da cláusula de substituição do Pacto de Estabilidade, maior flexibilidade para os instrumentos existentes, contribuições do Banco Europeu de Investimento e mobilização de capital privado. À frente de tudo isso está a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen. Nascida na Bélgica, ela entrou para a política depois de retornar à Alemanha com o partido de seu pai, a CDU. Em 2009, ela se tornou membro do parlamento e, em 2013, tornou-se ministra da Defesa da Alemanha.

Ela então se dedicou à política europeia e foi nomeada presidente da Comissão em 2019, com o apoio decisivo do presidente francês Emmanuel Macron. Desde então, sua gestão tem sido duramente criticada principalmente pelos seguintes motivos:

• Ser a força motriz por trás da Agenda 2030 e sua implementação na União Europeia. Algo de que que ela se gaba publicamente;

• Gestão da pandemia: confinamentos, vacinação obrigatória, acordos não esclarecidos com empresas produtoras de vacinas, o chamado *Pfizergate* – pelo qual seu companheiro é acusado de enriquecer com um contrato de distribuição de vacinas. Sua demissão foi pedida porque ela é alvo de um processo criminal. Ela também é citada e criticada por criar um caos generalizado e pela falta de uma coordenação unificada na resposta sanitária a nível europeu e pela incapacidade de gerir um sistema econômico pós-covid que permitisse a recuperação europeia. Ao contrário, a dívida pública de Bruxelas aumentou para mais de 80%;

• Críticas sobre o tratamento de parceiros europeus. Confronto com o governo nacionalista de Orbán (Hungria), versus cumplicidade com o governo esquerdista de Sánchez (Espanha);

• Ela também é acusada de apoio irresponsável à imigração desregulamentada, possivelmente o principal problema da Europa hoje;

• Controle de informações. A iniciativa "Escudo Europeu da Democracia", que usa uma IA supostamente projetada para "*combater a desinformação*", pode ser um instrumento de controle e repressão às vozes dissidentes e uma arma para tentar anular qualquer eleição cujo resultado não seja favorável a ela (veja o caso recente da Romênia com a proibição do candidato nacionalista Georgescu).

A isto se soma o lançamento e a promoção do "euro digital", que permitirá não apenas um controle exaustivo sobre os gastos dos cidadãos, mas também, possivelmente, em um futuro próximo, o bloqueio de contas de quem expressar opiniões divergentes.

A tudo isso, devemos acrescentar uma postura absurda sobre a guerra na Ucrânia e a perda de importância da Europa. Ela fomentou um forte (e desnecessário) confronto com a Rússia, exagerando até mesmo o papel que os Estados Unidos impuseram a Bruxelas. E agora está obstruindo qualquer opção de paz e optando por uma postura belicosa contra a Rússia. Nesse aspecto ela tem um "*complemento perfeito*" em sua vice-presidente, a estoniana Kaja Kallas e suas constantes declarações ameaçadoras (na medida em que a UE tem capacidade de ameaçar, que é pouca...) contra a Rússia e Putin.

*Publicado no La Prensa.*

***Gabriel Camilli** é coronel da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*